

O TERRITÓRIO DO TEMPO EM *A MULHER E O MUNDO*

Aziza Morais¹, Universidade Federal de Goiás - UFG

Takaiúna², Universidade Federal de Uberlândia - UFU

O presente artigo propõe uma análise da peça *A Mulher e o Mundo*, de minha autoria, à luz da metodologia das Dramaturgias Emergentes, com ênfase no Território do Tempo. A dramaturgia, estruturada em quatro cenas, articula imagens e tensões em que nascimento e morte, memória e esquecimento, negação e afirmação se entrecruzam, instaurando uma temporalidade não linear. Ao evitar a linearidade cronológica hegemônica, o texto dramático constrói camadas temporais dissidentes que desestabilizam narrativas normativas e criam outras formas de percepção do tempo em cena. Esse processo evidencia a potência da experiência trans como campo de criação, resistência e pertencimento, ao mesmo tempo em que convoca novas formas de inscrição histórica e política no espaço teatral. Nesse sentido, o Território do Tempo emerge como dispositivo dramático central, capaz de entrelaçar passado, presente e futuro em uma lógica de espiralidade. Tal concepção aproxima-se da noção de tempo proposta por Martins (2021), segundo a qual ele se “funda-se no lugar de privilégio do ancestral que preside, como Presença, as espirais do tempo, habitando a temporalidade transiente, o ilimitado passado, por si composto de presente, passado e futuro acumulados, o pote Kalunga, núcleo da energia vital em movimento” (MARTINS, 2021, p. 42). A peça, ao mobilizar esse entendimento, afirma a transcestralidade como potência dramática, na qual memória e futuro se inscrevem como práticas de resistência e criação. Assim, *A Mulher e o Mundo* se afirma como uma experiência dramática expandida, onde a cena funciona como campo de inscrição e experimentação temporal. A análise aqui proposta busca, portanto, compreender como a dramaturgia mobiliza afetos, imagens e narrativas a fim de instaurar uma prática teatral que se inscreve em territórios outros, marcados pela transgressão, pela resistência e pela criação de mundos possíveis.

¹ Aziza é dramaturga, atriz, poeta e arte educadora. Mestranda em Artes da Cena, é formada em licenciatura em teatro.

² Takaiúna é Dramaturga e Diretora Teatral. Criadora da metodologia Dramaturgias Emergentes com mediações realizadas em três continentes, Americano (México, Bolívia, Equador, Chile, Peru e Brasil), Africano (Guiné Bissau) e Europeu (Holanda). Fundadora da Escola Latino-americana de Dramaturgias Emergentes. Organizou a "Coletânea de Dramaturgas Goianas" primeiro livro do gênero no estado de Goiás. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia – bolsista FAPEMIG. É mestre no mesmo curso e instituição. Pós-graduada em Políticas Culturais de Base Comunitária FLASCO-Argentina. Licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás.

REFERÊNCIA

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.